

4º DOMINGO NO ADVENTO

21 DE DEZEMBRO DE 2025

MATEUS 1.18-25

1 ORAÇÃO DO DIA

Senhor Jesus, pedimos que venhas com o teu poder e nos ajudes para que os pecados que nos fazem sofrer sejam logo retirados pela tua graça e misericórdia; pois tu vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.

2 LEITURAS DO DIA

2.1 Salmo 24

Esse arranjo litúrgico foi composto por Davi para celebrar a primeira entrada da Arca da Aliança em Jerusalém. Enquanto esteve sob o domínio dos jebuseus, Jerusalém era chamada Jebus (Jz 19.10; 1Cr 11.4). Tendo Israel conquistado esse que era um dos povos cananeus remanescentes (2Sm 5.6-10), Jerusalém passou a ser a nova capital do reino, e a Arca que estava em Quiriate-Jearim (1Sm 7.1-2) foi conduzida em procissão (2Sm 6.12-19; 2Sm 5.9) até o santuário provisório ali preparado por Davi (2Sm 6.17; 1Cr 15.1). Essa alegre dramatização apresenta um diálogo entre os que se dirigem ao santuário e os levitas responsáveis pela guarda de suas portas, enfatizando as condições estabelecidas por Deus para o ingresso e a permanência diante de sua presença. Posteriormente, o salmo foi incorporado ao culto do templo e passou a ser utilizado em diversas ocasiões litúrgicas.

Os dois primeiros versículos afirmam o poder e o domínio do Senhor sobre toda a criação. Tudo o que existe procede dele, pertence a ele e permanece sob sua

autoridade. Esse ponto se torna especialmente significativo no contexto da vitória sobre os jebuseus e da entrada da Arca em Jerusalém, pois reforça que o Deus de Israel é também o soberano de todas as nações. A linguagem empregada nesses versículos pode inclusive conter uma referência indireta às antigas crenças cananeias, que personificavam elementos naturais como divindades. A mitologia cananeia falava de figuras como o Príncipe Mar (Yam) e o Juiz Rio (Nahar), cujos nomes ecoam os termos hebraicos “mares” e “rios” que aparecem no segundo versículo. Ao proclamar que o Senhor é quem funda e sustenta a terra sobre essas forças, o salmo afirma que nenhum poder natural ou divinizado por outros povos possui existência ou atuação independente do domínio do Deus de Israel. Existe o SENHOR e existe aquilo que ele criou.

Enquanto o versículo três lança questionamentos sobre quem irá subir ao monte do Senhor e permanecer naquele santo lugar – desejo expresso pelo temente Davi em outros locais (Sl 27.4; 23.6; 26.8), o versículo quatro responde ressaltando exigências do próprio Deus – possuir mãos limpas, coração puro e que não jure com intenção de enganar usando o nome de Deus (Is 1.15-17; 33.14-16; Tg 4.8). Segundo Ross, as “mãos” indicam as obras e o “coração” aponta para a vontade, intenções e escolhas. Toda a vida humana, exterior e interior, é aqui pretendida. O estado de pureza de coração, portanto, implica em motivos e consciência clara, em ser verdadeiro (Hb 9.14; 10.22; 1Pe 3.16-21). Em última análise e conforme respondido no próprio Salmo, aquele que pode entrar e permanecer no santo lugar não é outro senão o próprio “Rei da Glória” (24.7-10).

No que diz respeito ao povo, segundo a ordem do próprio Deus, os levitas tinham a responsabilidade de zelar pelo santuário e impedir que alguém se aproximasse dele despreparado (Nm 18.1-7; 1Cr 9.17-27; Ez 44.6-9). Enquanto cumpriam sua função de guardar o santuário, os levitas também eram responsáveis por preparar ritualmente os que se aproximavam por meio das instituições de purificação e expiação (Lv 14.19-20). Como pode se observar, o mérito humano não é enfatizado no texto, mas sim o aspecto gracioso e relacional é que se destacam nos versículos cinco e seis. O texto claramente fala sobre receber da parte de Deus que salva a bênção e a justiça. A bênção diz respeito a um dom, um enriquecimento ou dádiva de Deus, podendo estar relacionada à bênção sacerdotal instituída propriamente para o contexto litúrgico (Nm 6.22-27). Da mesma forma, a justiça é

concedida pelo próprio Deus. Isso se mostra ainda pelo futuro evidente tanto no texto hebraico como no grego: “Vocês serão santos, porque eu, o Senhor, sou santo” (Lv 11.45; 1Pe 1.15-16). Buscar, investigar a face do Senhor é receber vida e purificação, bênção e justificação por meio do ouvir de sua santa palavra e santas instituições. Através desse preparo proveniente do próprio Deus o ser humano caído é livre de culpa e pode alegremente subir o monte do Senhor, ali permanecer e comungar junto ao santo criador. Buscar a face do Senhor é buscar o favor do Senhor, o que demonstra uma outra alusão à bênção sacerdotal no serviço divino: “O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti”.

Ao que parece, os versículos restantes (v. 7-10) revelam que o povo em procissão está entrando pelos portões para louvar o Senhor no espaço sagrado. Alegres, eles erguem as vozes pedindo para que as portas sejam completamente abertas para que entre o Rei da glória. O clamor para que as cabeças sejam levantadas pode ser uma metonímia que chama os anciãos, guardas e todos aqueles que estavam cabisbaixos para que alegremente, de cabeça e espírito erguidos, recebam o Senhor que lutou e venceu por seu povo. Outra possibilidade que não necessariamente elimina a metonímia é ver aqui uma referência direta aos portões como elementos personificados (cf. Is 14.31; Zc 9.9). Essa parece ser a intenção principal do salmista. Ele que convoca os portais do santuário a se erguerem plenamente para a entrada do Rei da glória, procura evitar uma imagem do Senhor “se curvando” diante do povo ao passar pelos arcos das portas. A reverência sempre marcou o culto instituído por Deus.

O levantar das cabeças, segundo Ross, pode ainda conter uma outra alusão aos deuses cananeus. Em uma canção cananeia, Yam e Nahar chegam diante dos deuses com a intenção de dominar Baal. Enquanto os outros deuses baixaram a cabeça diante de Yam e Nahar, Baal triunfa sobre eles e conclama os demais deuses a levantarem a cabeça. Assim, ao mencionar cabeças erguidas, Davi poderia estar evocando cânticos de vitória dos cananeus que se referiam a Baal. Vencer os cananeus significava derrotar seus deuses que não passavam de meras invenções humanas e representações de elementos criados, todos sujeitos ao domínio do único e verdadeiro Deus criador, YHWH (יהו').

A menção do Rei da Glória faz aparente referência à gloriosa presença do Senhor entre o seu povo por meio da Arca da Aliança. O texto de 1Sm 4 demonstra o desespero dos israelitas por terem perdido a Arca para os filisteus. Perder a Arca era perder a glória do Senhor, perder a habitação de Deus entre o povo. Quando a mulher de Fineias – nora de Eli – que estava grávida, ouviu que a Arca havia sido roubada, ela passou a ter dores de parto e deu à luz a um menino que recebeu o nome de Icabô, que significa, “não há glória” (1Sm 4.21). Possuir a Arca na Jerusalém agora conquistada, era estar certo da presença e da bênção de Deus entre o povo. A tríplice menção de YHWH sugere a natureza trina de Deus (v. 8 e 10).

Por fim, o próprio salmo nos convida a lê-lo de forma cristológica. Sendo Cristo Sumo Sacerdote e Sacrifício, é ele o guarda e aquele que passa pelos portões celestiais (Hb 4.14; 9.11-12). Ele é aquele que em si mesmo é limpo de mãos e puro de coração (Hb 7.26), ele é aquele que não entregou sua alma para a falsidade, mas foi fiel e verdadeiro até a morte (Jo 14.6). Por meio dele e nele nas suas instituições, buscando a face daquele que é a imagem visível do Deus invisível, o esplendor da glória e a expressão exata do ser de Deus (2Co 4.6; Jo 14.9; Cl 1.15. Hb 1.3. Jo 1.14), o crente é levado ao estado de bem-aventurança (Mt 5.8) e tem seu coração e mente purificados (Sl 51.10; Tg 4.8). Diante de sua obra, o cristão pode dizer com Pedro: Senhor, não lave somente os pés, mas também as mãos e a cabeça (Jo 13.9). Nele, os israelitas segundo a promessa (Rm 9.6-8) agora contemplam e desfrutam de sua vitoriosa e gloriosa presença sob a Nova Aliança em seu corpo e sangue (Lc 22.19-20). A cada culto seu povo se reúne para partilhar de suas bênçãos e glorificar aquele que vem e habita com seu povo em sua santa Palavra e Sacramentos. Por meio de sua obra, ele destrói os poderes do pecado, do inferno e da morte. Por causa de sua ação entre o seu santo povo, ele mesmo convida seus filhos a erguerem as cabeças em sua gloriosa vinda nos céus pelo motivo da completude da redenção (Lc 21.27-28). Ele mesmo é quem chama, prepara e preserva os seus para subirem e permanecerem eternamente junto a ele no santo e eterno lugar. Seu povo será santo, porque ele é que o santifica.

2.2 Isaías 7.10-17

A profecia de Isaías a respeito do nascimento de Jesus teve um cumprimento tipológico dentro do próprio contexto de Isaías. Porém, conforme pode ser observado na discussão em Gibbs, esse cumprimento não preenche todos os aspectos da profecia dada por Isaías. O Senhor não se preocupa meramente com a libertação temporal de seu povo, mas principalmente com a libertação eterna. Diante do profeta, o incrédulo Acaz demonstra uma falsa piedade ao querer evitar tentar ao Senhor. Porém, mesmo diante da incredulidade, Deus revela sua soberania e compaixão. Deus ainda permite que as palavras do evangelho soem nos ouvidos e coração de Acaz para que ele seja convertido e viva.

2.3 Romanos 1.1-7

Esse texto de Paulo aos Romanos ressalta aspectos indispesáveis da fé cristã. Jesus Cristo veio em carne, é Filho de Deus, da descendência de Davi. A atuação do Espírito santificador também se destaca. Esse Jesus, é nosso Senhor (Deus - κύριος). Ele é o único meio pelo qual o ser humano recebe graça pela união na pessoa do Filho.

2.4 Mateus 1.18-25

Diferente de Lucas, Mateus não retrata a anunciação e enfatiza mais a pessoa de José que a de Maria. O evangelho de Mateus se inicia com a nova gênesis da criação na gênesis (ἡ γένεσις) de Jesus Cristo (v. 18) – não negando a pré-existência do Filho de Deus, mas enfatizando seu princípio na carne. Mateus demonstra que o menino de Belém é o cumprimento da história, o ápice da revelação de Deus, o descendente prometido através do qual nações seriam abençoadas e cuja descendência se tornaria tão numerosa quanto as estrelas e o pó da terra (Gn 12.7; 22.18; 26.4; Gl 3.8, 16). Nele, tanto a serpente quanto as consequências por ela trazidas seriam extinguidas, algo retratado em seu próprio nome Jesus, “porque ele salvará o seu povo dos pecados deles”. Jesus nasce não apenas para pagar o preço do pecado, mas para escatologicamente garantir liberdade e restauração tanto para a

alma quanto para o corpo. Jesus assumiu a carne para que seu povo participasse de sua santa carne e assim, recebesse plena salvação.

No judaísmo do século I, o noivado (v. 18-19) possuía força jurídica equivalente ao casamento: tanto o homem quanto a mulher já eram legalmente reconhecidos como esposo e esposa, mesmo que ainda não vivessem juntos nem tivessem consumado a união. A Mishnah afirma que o período do noivado podia durar até doze meses no caso de uma virgem. Durante esse tempo, qualquer gravidez era entendida como infidelidade. Por isso, ao ver que Maria estava grávida, José concluiu que ela havia sido infiel e sabia que, pela lei, o único modo de encerrar esse vínculo era por meio de um divórcio formal. Porém, por ser justo e não querer expor Maria a vergonha pública ou julgamento comunitário, José decidiu realizar esse divórcio de maneira discreta.

Enquanto José ponderava sobre suas intenções (v. 20), a interjeição “iōū” (eis) introduz a intervenção divina que põe fim aos planos de José. Em sonho, o anjo do Senhor reorienta o justo José para que, no fim das contas, ironicamente, não cometesse nenhuma injustiça. Maria era inocente e o que nela foi gerado é do Espírito Santo. O que acontece com José se assemelha ao que ocorre com o ser humano. Sem a intervenção, sem a revelação divina, não seríamos capazes de aceitar e apreender os planos de Deus para a eterna salvação (1Co 2.14). Portanto, diante de nossa aceitação da concepção de Maria e tantas outras coisas, está também a atuação de Deus, a atuação do Espírito Santo e não a limitada razão natural. Assim, a Palavra que operou fé em José é a mesma que opera a fé em nós hoje.

Diferente do anjo que fala com Maria e que é identificado como o anjo Gabriel (Lc 1.26-27), a Escritura não identifica o anjo que aparece a José. Embora gramaticalmente esse anjo possa ser associado ao Anjo do SENHOR do AT, Gibbs ressalta pelo menos dois problemas com essa associação: 1- Ao contrário das teofanias veterotestamentárias do Anjo do SENHOR, nas quais a figura angélica frequentemente se identifica ou é identificada com o próprio YHWH – seja pelo uso de fala divina em primeira pessoa, seja pela reação dos interlocutores – o relato de Mateus não apresenta qualquer indício dessa sobreposição ontológica. A figura angélica que aparece a José permanece claramente distinta da figura divina. 2- Além disso, no Antigo Testamento, o Anjo do SENHOR desempenha papéis que

frequentemente se articulam com a autorrevelação divina e com prefigurações cristológicas. Em Mateus, porém, o anjo que aparece a José não assume nenhum papel que se vincule à identidade do Filho no ventre de Maria, nem participa da economia da revelação cristológica; seu discurso é puramente informativo e funcional.

José é chamado pelo anjo de “Filho de Davi” (v. 20), indicando que a linhagem real de Davi está presente na genealogia de Jesus. Muito se discute sobre essa questão pelo fato de José não ter ligações biológicas com o menino. Porém, do ponto de vista legal, Jesus é feito parte da linhagem de Davi por meio José que toma Maria por sua esposa. O próprio Antigo Testamento demonstra, pela lei do levirato, que a descendência podia ser legalmente suscitada mesmo a um homem já falecido (Dt 25.5–6). No caso de Boaz e Rute, o parentesco não era sequer entre irmãos, mas ainda assim o filho nascido foi contado como descendência da casa de Elimeleque e declarado “a Noemi nasceu um filho” (Rt 4.17). Também o Talmude Babilônico (Sanhedrin 19b:13), ainda que seja um escrito posterior, reflete a compreensão judaica de que aquele que cria uma criança, mesmo um órfão, é considerado como se a tivesse gerado. Ainda se poderia mencionar a genealogia de Maria que, embora não seja explicitamente apresentada na Escritura, foi tradicionalmente compreendida pela igreja como davídica.

No v. 20, Maria é novamente mencionada como esposa de José. O que por vezes é traduzido por “*não tenha medo de receber Maria como esposa*”, deveria, conforme aponta Gibbs, ser traduzido como “*não tenha medo de receber Maria, sua esposa, ‘em sua casa’*”. Isso ocorre devido à forma padrão do substantivo articulado, que é acompanhado de artigo e pronome possessivo.

Por duas vezes (v. 18 e 20) é mencionado que o que foi gerado em Maria “é do Espírito Santo” (ἐκ πνεύματός ἐστιν ἀγίου). Essa é a explicação luterana que explica a santidade e pureza de Jesus (Hb 4.15). Diferente de uma relação normal entre marido e mulher, que transmite a corrupção hereditária (Sl 51.5; Ef 2.3), a concepção de Jesus é fruto do Espírito Santo. Não é uma suposta e infundada pureza natural de Maria que priva Jesus de nascer com a contaminação do pecado, mas o Espírito Santo de Deus. Além disso, é inconcebível a noção de que Maria pudesse nascer pura do ventre de uma mulher pecadora, enquanto Jesus seria prejudicado de alguma forma

caso Maria não fosse santa. Diferente da concepção de Maria, a ação de Deus está plenamente clara na concepção de Jesus.

Desde o protoevangelho (Gn 3.15), bem como em Isaías 7.14, a Escritura evidencia que o Messias seria do sexo masculino. Isso, em certa medida, justifica a alegria e a expectativa pelo nascimento de um menino que poderia ser o esperado salvador (cf. Gn 4.1). No v. 21, uma ênfase é dada ao menino que foi gerado no ventre de Maria pelo uso nominativo de αὐτὸς. Ele que foi gerado no ventre de Maria, ele mesmo salvará o seu povo dos pecados deles.

Embora o pai ou a mãe pudessem dar nome a um filho (Gn 4.25, 26; 5.3), “Jesus” é o nome escolhido por Deus para que José colocasse no menino. “Jesus” é a forma grega de “Josué” – bastante comum no período do NT – e significa: YHWH é salvação (cf. Nm 13.16). Além do significado presente no próprio nome, é comum que se encare os próprios personagens do AT como tipos de Jesus. Josué, substituto histórico de Moisés, é quem introduziu e conduziu o povo de Israel na terra prometida (Hb 3-4). A partir de Hebreus é possível observar o contraste entre o descanso terreno concedido por Josué e o descanso espiritual e eterno concedido por Jesus. Em Zacarias, o sacerdote Josué é visto como um tipo de Cristo e recebe a profecia a respeito do Renovo que edificaria o templo do SENHOR, que seria revestido de glória e que se assentaria no próprio trono de YHWH (cf. 1Cr 29.23; Ap 3.21). Na profecia o ofício real e o ofício sacerdotal do Renovo são destacados e em estado de perfeita harmonia (cf. Zc. 6.11-13). No NT Jesus é apresentado como o fiel Sumo Sacerdote (Hb 4.14-15; 8.1-2; 9.11-12) e aquele que estabelece o vivo templo de Deus (Jo 2.19-21).

Além de Rei e Sacerdote, Jesus também é o perfeito Sacrifício. O objetivo de sua encarnação é claramente ressaltado aqui (v. 21). Jesus não veio salvar seu povo de líderes políticos, de perigos, sofrimentos e morte físicos. Embora todas essas coisas se englobem em sua obra, ele veio salvar seu povo do pecado que trás como consequência todo tipo de prejuízos para a vida do mundo presente. A salvação de Jesus, embora já participemos e a tenhamos como garantia no mundo presente, ela terá seu cumprimento na era que está por vir.

Um importante aspecto para a teologia luterana aparece no v. 22. Embora discussões possam surgir quanto a uma possível tensão entre revelação e

cumprimento – se a revelação ocorre para que se cumpra ou se ocorre porque assim se cumpriria em razão da presciênci a e predeterminação divina –, o evangelista Mateus destaca o caráter divino da revelação. Aquilo que foi dito por meio dos profetas não são palavras dos profetas, mas palavras do próprio Deus (ἄπος κυπίου). Embora Deus use e fale por meio de pessoas, suas palavras precisam ser tomadas como realmente são: palavras divinas, prontas, escolhidas e inspiradas por Deus. Ainda que essa compreensão seja clara dentro da teologia luterana, não o é para aqueles afetados pelos pensamentos liberais e histórico-críticos. Tal ensino precisa ser constantemente reafirmado diante de ataques e inversões de autoridade em relação ao texto que foi dito – e conforme está dito – pelo Senhor. Deturpar o que foi revelado não é alterar ou atacar palavras de seres humanos, mas afrontar o próprio Senhor.

Embora o vocábulo hebraico נָעַל não seja semanticamente restrito a “virgem” (v. 23), podendo designar genericamente uma jovem em idade núbil, a análise contextual é determinante para sua interpretação. Gibbs salienta que, em outras ocorrências do termo (como Gn 24.16 LXX; Jz 21.12), o narrador faz questão de explicitar que tais jovens “não haviam conhecido homem”, o que demonstra que, embora נָעַל não denote intrinsecamente virgindade, seu campo semântico é compatível com essa condição quando o contexto exige precisão. Assim, no caso de Isaías 7.14, a leitura como “virgem” é favorecida, pois o próprio relato lucano declara explicitamente que Maria não tivera relações com homem algum, configurando uma situação que ultrapassa a simples referência a uma jovem e reforça a necessidade de compreender o termo dentro do parâmetro de pureza sexual pressuposto pela profecia e explicitado no NT.

O nome Emanuel (v. 23), indo ao encontro do significado do nome de Jesus (v. 21) quando ainda contrastado com o Salmo 130.7-8, evidencia a identidade divina daquele que se encarna. Ainda que o objetivo da encarnação seja o sacrifício único e perfeito daquele que viverá para continuamente interceder por seu povo, é possível observar o serviço e sacrifício do Filho de Deus desde a concepção (Fp 2.6-8). Deus Filho, não exercendo plenamente sua divindade inalterada, nasce de uma virgem e assume a natureza humana, na qual é aperfeiçoado mediante sofrimentos, a fim de se tornar perfeitamente apto para interceder por aqueles perdidos na carne.

Além disso, é importante destacar que Emanuel não é “Deus conosco” apenas no período denominado de estado de humilhação. Embora a presença de Deus com seu povo encontre seu cumprimento na encarnação do Verbo (Jo 14.9; 1.14, 18; 12.45), “Deus conosco” ($\mu\epsilon\theta'$ $\eta\mu\omega\nu$) é desde a fundação do mundo. Ainda que o pecado tenha interferido nessa comunhão, Deus sempre esteve com seu povo e instituiu meios pelos quais seu povo pudesse permanecer junto dele e participar de sua glória e santidade. Conforme o próprio Jesus promete a seus discípulos no final de Mateus, ele permanece Emanuel até o fim dos tempos ($\mu\epsilon\theta'$ $\eta\mu\omega\nu$). Embora, naturalmente, seu povo não o veja nem o segure nos braços como fizeram Maria e Simeão, sua amada igreja o vê, o toca e se une a ele por meio de suas sagradas instituições (Lc 10.16; Jo 14.23; Rm 6.3-4; 1Co 10.16). A liturgia da Santa Ceia reflete claramente a expectativa da vinda de Jesus no Santo Sacramento. No *Sanctus*, a congregação entoa: “... bendito aquele que vem em nome do Senhor, hosana...”, confessando que aquele que veio e que virá novamente é o mesmo que agora vem sacramentalmente. Após a consagração, o *Agnus Dei* reconhece que o Cordeiro de Deus está presente sobre o altar, concedido para comunhão no mesmo sacrifício único e perfeito que foi oferecido de uma vez por todas na cruz. Uma vez consumada a união em seu corpo e sangue, a igreja se alegra e canta como Simeão “despedes em paz... pois os meus olhos viram a tua salvação” presente no pão e no vinho. Os meios da graça não apenas permitem que Emanuel esteja presente na vida de cada cristão individualmente, mas também preparam e conservam o cristão para o cumprimento último daquilo que significa Emanuel – YHWH conosco.

Novamente, aquilo que por vezes é traduzido por “e recebeu Maria por esposa,” (v. 24, NAA) deveria ser traduzido por “e recebeu Maria, a sua esposa”. A ênfase está no receber ($\pi\alpha\pi\lambda\alpha\mu\beta\alpha\nu$) para junto de si em sua casa, não propriamente em esposa ($\gamma\upsilon\pi\eta$) – uma vez que Maria já era considerada sua esposa legal.

Diante do v. 25, discussões surgem a respeito da perpétua virgindade de Maria. Embora muito possa ser dito sobre essa questão, a preocupação do evangelista e, podemos dizer, da Escritura, não está no fato de Maria ter tido relações ou não com José após o nascimento de Jesus. Pelo contrário, o que se destaca e se enfatiza é o fato de que José e Maria não tiveram relações até ($\xi\omega\zeta$) que Jesus nascesse. A própria profecia de Isaías indica que uma virgem conceberia e que essa mesma virgem daria luz a um filho.

É importante notar que embora ἔως não necessariamente implique em mudança de estado posterior após o fim do tempo determinado, ἔως também não estabelece nenhum impedimento para uma mudança posterior ao tempo determinado. O ponto é: de forma alguma José teve relações com Maria até que Jesus nascesse – o que aconteceu posteriormente a isso não preocupa Mateus. Além disso, cabe ressaltar que a relação sexual faz parte da boa criação de Deus quando realizada dentro do matrimônio criado por Deus – matrimônio que, na verdade, é a referência preferível da Escritura para retratar o relacionamento de Cristo com sua amada Igreja. Em nenhum aspecto Maria se tornaria inferior, em nenhum aspecto o texto da Escritura e a mensagem da salvação seria afetada caso José e Maria realmente tivessem vivido normalmente como marido e mulher. O que, a meu ver e como destaca Gibbs, é difícil de negar frente a textos como Mt 13.55-56.

3 DICAS PARA PREGAÇÃO

É comum que nesse período de Natal se ouça falar do “aniversário de Jesus”. Embora essa linguagem facilite a comunicação com crianças, ela tende a confundir a pré-existência eterna do Filho de Deus com o nascimento em carne de Jesus em Belém. Também é importante lembrar que o ano e o dia exato do nascimento de Jesus são incertos. Jesus provavelmente nasceu entre 6 e 4 a.C. e, portanto, não se passaram exatamente 2025 anos desde o seu nascimento. Ainda que seja possível defender tradicionalmente o dia 25 de dezembro como a data mais apropriada para celebrar o nascimento de Jesus, é mais prudente tratar esse dia como uma comemoração do que como uma precisão cronológica. Também é importante evitar confusão na linguagem entre encarnação e nascimento. Enquanto a encarnação é celebrada no dia 25 de março, o nascimento é celebrado no dia 25 de dezembro. Ambos os aspectos aparecem e podem ser trabalhados na pregação.

É comum que, no fim do ano, o público nos cultos seja um tanto diferente daquele que frequenta o restante do ano. Tendo isso em mente, uma primeira opção para o sermão – indo ao encontro do Salmo 24 – é tratar da chegada e permanência

de Deus entre o seu povo. Assim, destaca-se o aspecto de Deus Emanuel, que esteve presente com Israel no Antigo Testamento por meio de suas instituições e que se fez carne para que seu povo pudesse cumprir os pré-requisitos estabelecidos no Salmo: estar limpo e puro de coração pela união com o corpo e sangue daquele que se encarnou. Embora Deus sempre tenha estado presente, e embora o Filho tenha se tornado carne, Deus deseja estar presente na vida pessoal de cada indivíduo. Dessa forma, os meios da graça – pelos quais Emanuel se faz presente na vida particular de cada cristão – são lembrados como as sagradas instituições nas quais Deus prepara, sustenta e continua a permanecer com o seu povo. A alegria demostrada no Salmo 24 é a alegria cristã em cada culto. Isso também se enquadra bem no tempo de Advento: Jesus veio, Jesus está presente e, por causa dessa presença na vida particular de cada fiel, ele mesmo prepara os seus para adentrarem a morada celestial.

Uma outra opção que pode ser trabalhada é a percepção natural das coisas frente à revelação de Deus. Nesse ponto, um contraste entre Acaz e José pode ser útil. Acaz, diante da promessa de Deus, recusa-se a crer e, sob aparência de piedade, rejeita a revelação divina. José, por outro lado, diante daquilo que naturalmente só poderia ser entendido como adultério, é conduzido pela revelação à fé. Assim, o texto permite mostrar como a razão natural é incapaz de compreender as obras de Deus. Naturalmente, não se pode entender o milagre da concepção, assim como não se pode entender o amor de Deus que serve a ponto de se fazer carne para redimir e eternamente permanecer com seu povo. Embora José tenha sido advertido em sonho, a eficácia da palavra continua a mesma hoje. Por meio dela e dos sacramentos Deus opera a fé onde e quando lhe apraz, embora exista a possibilidade de, como Acaz, endurecer o coração.

Ainda, uma outra opção seria enfatizar o significado do nome de Jesus diante de um mundo que concentra suas expectativas apenas em saúde, bem-estar e soluções imediatas para o tempo presente. Jesus de fato se compadece das necessidades humanas e, em seu ministério terreno, atendeu enfermos, aflitos e oprimidos. No entanto, “YHWH é salvação” revela que sua obra vai além daquilo que é temporal. Ele não veio para estabelecer meros benefícios políticos ou sociais, mas para inaugurar o reino eterno no qual a salvação, o perdão e a vida plena têm seu cumprimento definitivo – ele veio salvar do pecado. Assim, o nome de Jesus confronta

as expectativas terrenas limitadas e redireciona o olhar para a obra maior, duradoura e eterna que ele veio efetivamente realizar. Enquanto isso, seu povo vive como peregrino em meio a sofrimentos, mas certo da glória a ser revelada no porvir.

Rev. Jhones Igor Koehler